

O extremismo político nas escolas: uma análise dos impactos causados ao docente

Political extremism in schools: an analysis of the impacts caused to teachers

Ricardo Santos Souza
Faculdade Unyleya

Luciana Pereira Lamblet
Faculdade Unyleya

Resumo: O presente artigo é o resultado de uma análise geral sobre os impactos causados aos professores e equipe pedagógica do ensino básico, frente aos discursos de ódio proferidos em relação à polarização política e suas perpetuações de conflito na comunidade escolar. Para tal, esta pesquisa tem como objetivo expor a realidade vivenciada por estes profissionais, sua insegurança com relação ao ambiente escolar e as possíveis limitações de sua atuação como educador. Na intenção de abranger o maior número de entrevistados, utilizou-se do questionário em formato estruturado fechado, obtendo resultados bastante reveladores sobre a nova situação e se foram aplicadas algumas ações para evitar novas manifestações de ódio político-extremistas. Conclui-se então a necessidade de políticas públicas que abarquem este fenômeno social agressivo, tão recorrente nos tempos atuais, de uma maneira mais sólida e abrangente, identificando possíveis novas situações e como evitá-las, no futuro.

Palavras-chave: Extremismo político. Polarização política. Discursos de ódio.

Abstract: This article is the result of a general analysis of the impacts caused to teachers and teaching staff in basic education, in the face of hate speeches made in relation to political polarization and its perpetuation of conflict in the school community. To this end, this research aims to expose the reality experienced by these professionals, their insecurity regarding the school environment and the possible limitations of their work as an educator. With the intention of covering the largest number of interviewees, the questionnaire was used in a closed structured format, obtaining very revealing results about the new situation and whether some actions were applied to avoid new manifestations of political-extremist hatred. Therefore, we conclude that there is a need for public policies that cover this aggressive social phenomenon, so recurrent in current times, in a more solid and comprehensive way, identifying possible new situations and how to avoid them in the future.

Keywords: Political extremism. Political polarization. Hate speeches.

1 Introdução

Abordar a questão da violência no ambiente escolar nunca foi novidade. A cada nova geração, surgem novas manifestações de conflito entre a comunidade escolar, o que tornam sempre necessárias novas reflexões e possíveis resoluções acerca dos embates.

Por objetivo, pode-se dizer que a escola carrega um viés democrático em seu espaço, talvez o mais democrático dos espaços. Um ambiente onde múltiplas realidades sociais se cruzam e se chocam – principalmente nas unidades públicas de ensino – cabendo ao professor e equipe pedagógica assumirem o papel de possíveis mediadores, nos momentos de maior estranhamento entre os alunos. Esta significação da escola pode ser melhor definida nas palavras de Ana Maria Klein e Cristina Satiê de Oliveira Pátaro (2008):

A escola, sob este ponto de vista, pode ser compreendida como um espaço privilegiado para a expressão da diversidade social, um local de encontro/confronto/diálogo entre diferentes crenças, hábitos, linguagens, valores, costumes. Um espaço onde a convivência democrática pode ser exercitada contribuindo para a construção de valores democráticos tais como tolerância, igualdade, equidade. No entanto, (...) estas atitudes carecem de uma organização escolar e de ações educativas comprometidas com tais finalidades, ou seja, seu potencial formativo para a convivência democrática só se viabiliza mediante a intencionalidade institucional e docente. (Klein; Pátaro, 2008, p.6)

Desta forma, percebemos que além de ser espaço democrático, a escola também assume uma função democratizadora, na aplicação de valores e princípios morais que devem nortear os alunos e, por consequência, na formação de novos cidadãos. Isso só é possível graças ao exercício pleno dos seus educadores, cuja autonomia é pautada na voz ativa e crítica, que é transmitida ao discente. Como bem afirma Dermeval Saviani (2018), em sua obra *Escola e Democracia*:

A prática pedagógica contribui de modo específico, isto é, propriamente pedagógico, para a democratização da sociedade na medida em que se compreende como se coloca a questão da democracia relativamente à natureza própria do trabalho pedagógico. (Saviani, 2018, p.130)

Entretanto, nestes últimos anos turbulentos da política brasileira vimos surgir uma onda de movimentos extremistas que invadiram todos os espaços, fomentando discursos de ódio que afetaram – e dividiram – a sociedade. Na educação, diversos grupos ultraconservadores, em especial a organização Escola Sem Partido e segmentos religiosos, baseados em suposições como a “doutrinação” e “ideologia de gênero”, passaram a questionar o trabalho docente nas escolas, pondo em xeque sua atuação junto aos estudantes. Tal questionamento se refletiu no ano de 2015, quando esta organização lançou mão de projetos de lei nas esferas municipais, estaduais e federais, impondo arbitrariamente diversas restrições ao exercício dos educadores.

Este momento fica melhor caracterizado por Saviani (2018), que afirma:

Tal autoritarismo se faz presente, ainda, no Movimento “Escola sem Partido”, que surgiu no âmbito da sociedade civil, constituiu-se como uma organização não governamental (ONG) e agora se apresenta na forma de projetos de lei na Câmara dos Deputados, no Senado Federal e em várias assembleias estaduais e câmaras municipais do país pretendendo impor-se, também, no âmbito da sociedade política por meio do poder estatal. Nessa condição, tal projeto é merecidamente chamado por seus críticos de “lei da mordaza”, pois explicita uma série de restrições ao exercício docente negando o princípio da autonomia didática consagrado nas normas de funcionamento do ensino. (Saviani, 2018, p.26)

Estas ações influenciaram também a comunidade escolar, que com desconfiança passou a vigiar o trabalho docente, provocando assim um sentimento de descrédito junto ao professor. Como explica Jurjo Torres Santomé (2001), que já no início do século XXI já revelava, de forma surpreendente, a manifestação conservadora com exatidão:

Atualmente, a onda conservadora, que tenta recuperar e incrementar o seu poder, volta a insistir na importância da instituição familiar e não hesita em promovê-la como vigia da ortodoxia das escolas. (Santomé, 2001, p.63).

Nas eleições presidenciais de 2018, também conhecidas como “as eleições das *fake news*”, o que se viu foi um acentuado movimento nas manifestações extremistas, agora consentidas pelo novo presidente eleito, Jair Messias Bolsonaro, que era notoriamente favorável à intervenção ideológica conservadora nos ambientes escolares, prevista nas propostas do seu programa de governo. Estas manifestações de ódio extremistas foram percebidas – e sentidas – no ambiente escolar, uma vez que este fenômeno atingiu a sociedade como um todo, ao desagregar círculos de amizade, de trabalho, até membros da própria família. A escola – como espaço democrático – não ficaria de fora. Por conseguinte, essa “condescendência” estatal acirrou ainda mais os ânimos na comunidade escolar, gerando uma forte descredibilidade na atuação do corpo docente.

Diante deste contexto, surgiram algumas indagações: como o corpo docente percebeu e sentiu os questionamentos acerca de sua atuação como educador? Como lidou com os discursos de ódio extremistas no ambiente escolar? E como isso os afetou?

Para responder estas questões este trabalho se baseia, de forma geral, no seguinte objetivo: verificar, através da coleta de entrevistas, se houve situação de conflito causado pelo extremismo político nas escolas e como isso impactou os educadores, a ponto de interferir em sua atuação no ambiente escolar. Por conseguinte, estão descritos a seguir a metodologia aplicada e sua base de fundamentação, os resultados coletados e as discussões e reflexões acerca do trabalho desenvolvido.

2 Metodologia aplicada e sua fundamentação

Para esta pesquisa, foi escolhida majoritariamente como forma de coleta o método estruturado fechado, através de questionário *online* (Google Forms). Isso se deve por algumas razões que são pertinentes de citar. A primeira delas foi a resistência, por parte do público investigado, de expor através da entrevista semiestruturada as possíveis experiências sofridas com relação ao objeto, isto é, das situações de violência atravessadas pelo extremismo e discursos de ódio, que vivenciaram no ambiente escolar. Dessa maneira, o questionário fechado conferiu-lhes um sentimento maior de autopreservação e “anonimato”, uma vez que as respostas viriam em números e gráficos (à exceção da última pergunta, descritiva e opcional), para o pesquisador.

Em segundo, e como complemento da primeira, o método empregado também proporcionou um modo mais ágil e versátil de coleta para o pesquisador, já que a entrevista poderia ser respondida em qualquer plataforma com acesso à internet, o que permitiu um campo maior de pesquisa e, com isso, uma visão mais abrangente do público-alvo, ainda que em detrimento de uma pesquisa menos profunda e subjetiva. Coube então ao pesquisador a responsabilidade de definir as perguntas mais próximas da realidade deste público.

De fato, dados os motivos acima, a escolha deste tipo de coleta se baseou nas premissas colocadas por Antônio Carlos Gil (Gil, 1999 *apud* Chaer *et al.*, 2011), pois segundo o autor, o questionário pode ser definido:

Como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc. (Gil, 1999, p.128)

Os autores Galdino Chaer, Rafael Rosa Pereira Diniz e Elisa Antônia Ribeiro (2011) também destacam:

As seguintes vantagens do questionário sobre as demais técnicas de coleta de dados: a) possibilita atingir grande número de pessoas, mesmo que estejam dispersas numa área geográfica muito extensa, já que o questionário pode ser enviado pelo correio; b) implica menores gastos com pessoal, posto que o questionário não exige o treinamento dos pesquisadores; c) garante o anonimato das respostas; d) permite que as pessoas o respondam no momento em que julgarem mais conveniente; e) não expõe os pesquisadores à influência das opiniões e do aspecto pessoal do entrevistado. (Chaer *et al.*, 2011, p. 260)

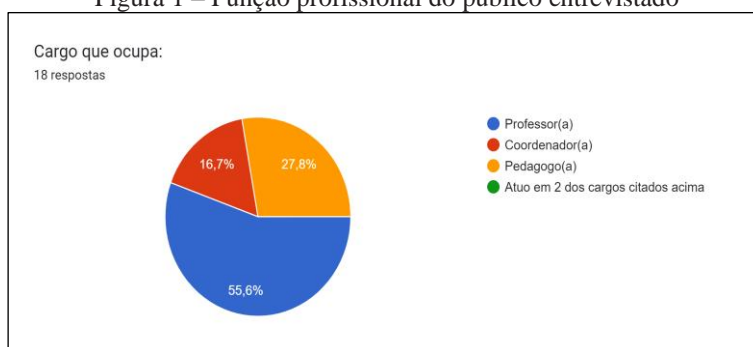
Dessa forma, o questionário (Anexo I) foi composto por duas perguntas de identificação (para validação dos dados coletados), oito perguntas fechadas e uma última pergunta aberta, permitindo ao entrevistado descrever, se assim o quisesse, uma situação relacionada ao tema. A coleta foi bem-sucedida com 18 profissionais – dentre professores, pedagogos e coordenadores – atuantes do ensino básico da rede pública municipal de Vitória (ES), de

diferentes locais de atuação e entre os meses de setembro a outubro de 2023, evidenciando assim um cenário bastante atual.

3 Resultados

Conforme descrito anteriormente, as primeiras duas perguntas do questionário serviram apenas para a identificação do entrevistado e, portanto, não serão analisadas aqui. Assim, a partir da terceira pergunta (Figura 1), foi verificado que 55,6% dos entrevistados são professores, 27,8% são pedagogos e somente 16,7% são coordenadores. É um resultado até previsível, já que a grande maioria do corpo docente se encontra justamente nas salas de aula, ainda que a pesquisa não se prendeu a um local fixo para a coleta de entrevistas (como uma escola ou duas), mas em contato direto com os profissionais, no sentido de obter um campo mais abrangente. Mesmo assim prevaleceu em grande maioria os professores como público entrevistado.

Figura 1 – Função profissional do público entrevistado



Fonte: autores

A pergunta 4 (Figura 2), obteve o seguinte resultado: mais de 77% da amostra já atua nas escolas há mais de 11 anos, demonstrando assim um longo período de atividade no contexto escolar, o que reforça também um público mais “calejado”, ou seja, possuidor de uma boa experiência nas diversas situações deste cotidiano.

Figura 2 – Tempo de atuação no ambiente escolar



Fonte: autores

Iniciando sobre o tema principal da pesquisa, na quinta pergunta (Figura 3) foi questionado se o entrevistado já havia vivenciado alguma situação causada por discursos de

ódio relacionados à política, em seu ambiente de trabalho, ou seja, na sua escola. As respostas revelaram que 13 dos 18 entrevistados (72,2%) já haviam presenciado, pelo menos alguma vez, este tipo de manifestação.

Figura 3 – Vivência com a situação de violência causada por discursos de ódio políticos

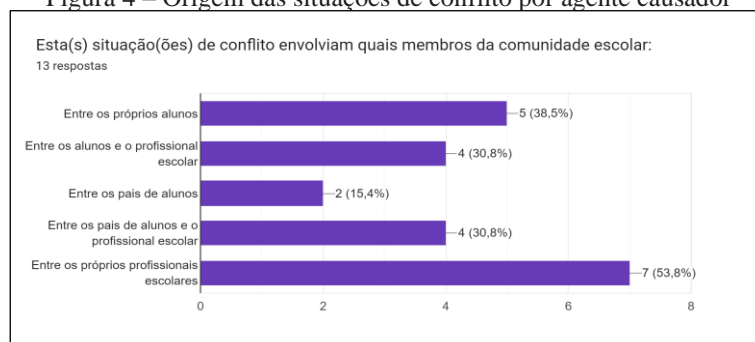


Fonte: autores

A partir daqui, foram solicitadas algumas questões (Perguntas 6, 7, 8 e 9) para este público, ou seja, os 13 entrevistados, estando de fora os outros 5. Essa divisão se justifica, pois, as perguntas eram direcionadas para aqueles que haviam vivenciado tal situação.

Dessa forma, a pergunta 6 demonstrou quais atores estavam envolvidos naquele contexto de violência. É importante explicar que esta pergunta permitia marcar mais de uma opção, já que havia o interesse de descobrir as origens das situações presenciadas (no caso, quem as causava). De forma surpreendente, a maior incidência ocorreu entre os próprios profissionais escolares, como mostra a figura abaixo (Figura 4). Isso comprova que este público não apenas sentiu os impactos dos discursos políticos de ódio, mas também os promoveu em algum momento, no contexto escolar.

Figura 4 – Origem das situações de conflito por agente causador



Fonte: autores

Curiosamente, as respostas para as perguntas 7, 8 e 9 foram semelhantes nos termos absolutos, conforme seguem os gráficos adiante. A sétima pergunta (Figura 5) indagava sobre um sentimento de coerção, sofrido ou não, após vivenciar este tipo de cenário, que poderia causar uma interferência em sua atuação como educador. Apesar de 7 entrevistados terem afirmado que “não” (53,8%), pode-se dizer que houve um resultado equilibrado, já que os outros 6 responderam “sim” (46,2%), ou seja, praticamente a metade desta amostra

foi afetada em suas funções como educadores, o que demonstra um cenário um tanto quanto preocupante.

Figura 5 – Sentimento de coerção e interferência, na atuação educacional



Fonte: autores

Em continuidade, a pergunta 8 (Figura 6) questionou se houve ações promovidas pela unidade de ensino para combater este tipo de conflito. Percebeu-se um novo resultado equilibrado, com 53,8% afirmando que “não”, o que pode deduzir uma falta de apoio por parte da instituição em evitar os embates ideológico-partidários.

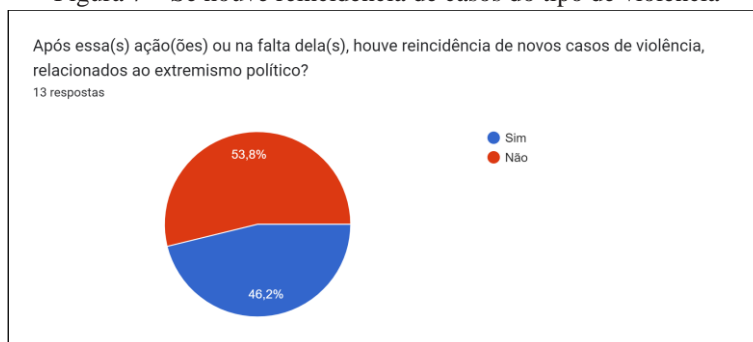
Figura 6 – Se houve ações de combate a este tipo de manifestação



Fonte: autores

A nona e penúltima pergunta fechada (Figura 7) indagou se houve reincidência de casos de violência, em relação ao extremismo político. Novamente uma divisão semelhante às duas anteriores, com uma prevalência de 53,8% afirmando que “não”.

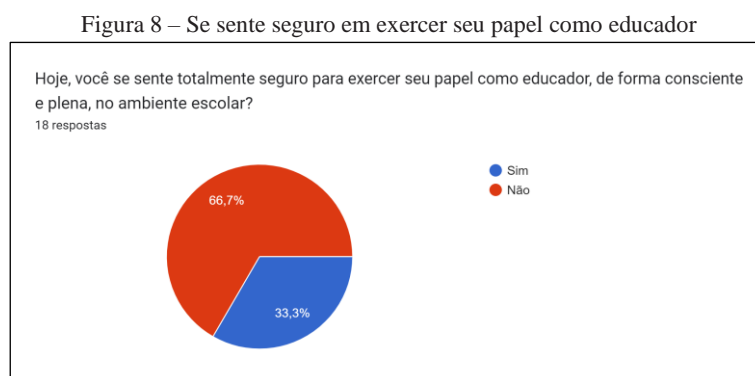
Figura 7 – Se houve reincidência de casos do tipo de violência



Fonte: autores

Por fim, a décima e última pergunta fechada (Figura 8), talvez a mais pertinente de toda a pesquisa, questionou se o entrevistado se sente seguro em exercer seu papel como educador, de forma consciente e plena, no ambiente escolar. Percebe que a pergunta deixa claro a atuação “de forma consciente e plena”, ou seja, se o exercício das funções do entrevistado não sofre interferências externas que possam afetar o seu senso crítico e voz ativa, o que conseqüentemente limitariam sua atuação, como educador.

Outro detalhe importante é que esta pergunta foi direcionada novamente para todo o público entrevistado, ou seja, os 18 profissionais. O motivo para isso foi pelo interesse do pesquisador em constatar se também havia certa insegurança – ou não – para exercer suas atividades, mesmo entre àqueles que não presenciaram situações de conflito geradas pelo extremismo político. O resultado foi alarmante: mais de 66% afirmaram que não se sentem seguros em atuar de forma livre e plena, no ambiente escolar.



Fonte: autores

3.1 Os relatos de alguns entrevistados

Como explicado na metodologia, apesar do formato estruturado fechado para as perguntas obrigatórias, foi inserida uma última pergunta opcional e aberta, que permitia ao entrevistado descrever alguma situação – ou várias, se assim o quisesse – relacionada ao tema. Este campo obteve 12 respostas, descrevendo situações vividas por alguns desses entrevistados. Para conhecimento, foram selecionadas algumas mais ilustrativas:

“De forma implícita percebia-se o patrulhamento ideológico por parte de algumas famílias, com relação as atividades desenvolvidas pela Escola. Posicionamentos homofóbicos relacionando a posições políticas do momento eleitoral.”

“Situação 1) Dois professores – que tinham uma boa relação pessoal – (saíam para almoçar juntos, tinham uma boa convivência também fora do ambiente escolar) deixaram de interagir por conta de pensamentos políticos divergentes e extremos. Situação 2) Houve uma ameaça de denúncia sobre conversas de WhatsApp no grupo da escola pelo teor político das mensagens enviadas.”

“Discurso de ódio contra minorias (lgbtqi+, negros, religião de matriz africana), discussões por causa de candidatos, frases racistas.”

“Houve polarização política e em vários momentos ouvimos discursos de ódio, favorável a armas, violência e a golpe de estado. Quem não era de esquerda nem podia se manifestar direito em grupos de escola. Era proibido.”

“Atendi um pai enfurecido dizendo que nós professores somos comunistas por isso permitimos tudo na escola. tentei sem sucesso explicar que agimos de acordo com um regimento interno e não de acordo com nossas convicções políticas. Mas outras discussões envolvendo questões de gênero e racismo também aconteceram.”

“Discordância de posições e posturas políticas partidárias. Profissionais que defendiam a direita acusando os defensores da esquerda de ser anticristo, defender ideologia de gênero entre outras.”

Percebe-se que a maioria dos relatos acima possuem características muito semelhantes, como a homofobia, o racismo, o direito negado de se manifestar politicamente ou mesmo o patrulhamento ideológico em torno das atividades propostas pela escola, o que sugere um discurso pautado na discriminação e no ódio.

4 Discussões finais

Longe de estabelecer um capítulo final sobre este tema, a pesquisa evidenciou a influência negativa das manifestações de extrema direita sobre a escola e seus componentes. Comprovadamente, afirmou que as ações empreendidas pelo movimento Escola Sem Partido, bem como de grupos religiosos e ultraconservadores – baseadas em supostas “doutrinações” e “ideologias de gênero” – provocaram questionamentos infundados ao desempenho do educador e instigaram um ódio entre os membros da comunidade escolar, afetando assim todo o contexto educacional.

Essas interferências também instauraram um status de vigilância constante sobre estes profissionais, desencadeando uma privação na liberdade de atuação, o silenciamento diante das situações do dia a dia e até uma temível *autocensura* em torno das suas atividades como educador. Pode-se dizer sem exageros que este cenário se assemelha ao descrito pelo filósofo francês Michel Foucault, em sua obra *Vigiar e Punir* (1987):

Esse espaço fechado, recortado, vigiado em todos os seus pontos, onde os indivíduos estão inseridos num lugar fixo, onde os menores movimentos são controlados, onde todos os acontecimentos são registrados, onde um trabalho ininterrupto de escrita liga o centro e a periferia, onde o poder é exercido sem divisão, segundo uma figura hierárquica contínua, onde cada indivíduo é constantemente localizado, examinado e distribuído (...) — isso tudo constitui um modelo compacto do dispositivo disciplinar. (Foucault, 1987, p.221)

Algo extremamente prejudicial para o docente, mas também para o aluno, que conseqüentemente perde sua principal referência, na aquisição de uma postura mais ativa e

emancipatória. Ademais, uma escola “silenciosa e controlada” tende a não explorar as realidades sociais que lhe permeiam, o que torna menos interessante para o alunado.

Conforme aponta Ana Paula Gomide (2023), em recente estudo sobre a mesma temática:

A limitação de objetivos educacionais aos ditames da adaptação à realidade acaba por fortalecer o conformismo generalizado, promovendo nos jovens suas tendências de aversão aos conhecimentos, cujos conteúdos e modos de apreendê-los impeliriam ao desenvolvimento de pensamentos mais diferenciados, propensos a experiências alteritárias com os objetos, por meio do confronto entre os conceitos científicos e a realidade histórica e social nas quais tais objetos se constituíram. (Gomide, 2023, p.26)

Outro ponto relevante e não menos preocupante é a disfunção da escola como um ambiente democrático. As proposições elencadas pelos movimentos de extrema direita carregam um caráter segregador, imputando um modelo homogêneo de aluno a ser seguido e rechaçando as diversas manifestações sociais, culturais, religiosas, etc., algo majoritariamente revelado nos relatos coletados das entrevistas. Novamente percebe-se uma similariedade com a obra de Foucault (1987):

A divisão constante do normal e do anormal, a que todo indivíduo é submetido, leva até nós, e aplicando-os a objetos totalmente diversos, (...); a existência de todo um conjunto de técnicas e de instituições que assumem como tarefa medir, controlar e corrigir os anormais, faz funcionar os dispositivos disciplinares (...). Todos os mecanismos de poder que, ainda em nossos dias, são dispostos em torno do anormal, para marcá-lo como para modificá-lo, compõem essas duas formas de que longinquamente derivam. (Foucault, 1987, p.223)

Esta postura acarreta possíveis ações discriminatórias entre os alunos, deflagrando situações de violência que, se não forem trabalhadas (como poderia, uma vez que os principais mediadores estão “vigiados” e “amordaçados” em sua atuação?), se tornam episódios mais graves, como vistos de forma corriqueira nos últimos anos.

Não seria o caso de se pensar somente que a educação deva ser contrária à barbárie (...), mas que também forneça um clima necessário para a elaboração e entendimento dos jovens sobre as fontes da violência advindas da estrutura da sociedade, e que a escola não pode ocultar. As práticas atuais de violência que se espraiam nos estabelecimentos escolares não têm se tornado objetos de reflexão e de discussão suficientes por parte dos agentes educacionais com os alunos, em que a frieza ou talvez a negação e silenciamento diante desses fenômenos têm tido seus efeitos deletérios. (Gomide, 2023, p.24)

Diante do exposto – e como oportuno – utilizo novamente as palavras de Saviani (2018), para reforçar que devemos

resistir e lutar contra o projeto “Escola Sem Partido”. Essa luta deve ser travada mostrando que essa proposta não passa de uma aberração, pois fere o bom senso,

vai na contramão do lugar atribuído à escola na sociedade moderna e nega os princípios e normas que compõem o aparato jurídico vigente no Brasil, sendo manifestamente anticonstitucional. Fere o bom senso, pois retira dos professores o papel que lhes é inerente de formar as novas gerações para se inserirem ativamente na sociedade, o que implica trabalhar com os alunos os conhecimentos disponíveis, tendo como critério e finalidade a busca da verdade sem quaisquer tipos de restrição. (Saviani, 2018, p.28)

Considerando que a educação não é um “livro fechado” e, portanto, está em constante atualização acerca de novas questões que emergem na sociedade, é válido oportunizar intervenções que se comprovem benéficas para tal. Mas para isso, antes de mais nada é necessário muito debate entre especialistas pedagógicos e seus pares, sem “achismos” nem questionamentos submetidos à violência. Ou seja, visando ações educativas capazes de transformar as realidades sociais e com objetivos que promovam sempre um ambiente seguro e democrático nas escolas.

Referências

CHAER, Galdino; DINIZ, Rafael Rosa Pereira; RIBEIRO, Elisa Antônia. A técnica do questionário na pesquisa educacional. *Revista Evidência*, v. 7, n. 7, 2012.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Vozes, 1987.

GOMIDE, Ana Paula. Movimentos extremistas nas escolas e a educação contra a barbárie. *Revista UFG*, v. 23, 2023.

KLEIN, Ana Maria; DE OLIVEIRA PÁTARO, Cristina Satiê. A escola frente às novas demandas sociais: educação comunitária e formação para a cidadania. *Cordis: Revista Eletrônica de História Social da Cidade*, n. 1, 2008.

MANZATO, Antonio José; SANTOS, Adriana Barbosa. A elaboração de questionários na pesquisa quantitativa. *Departamento de Ciência de Computação e Estatística–IBILCE–UNESP*, v. 17, 2012.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. A construção da escola pública como instituição democrática: poder e participação da comunidade. *Currículo sem Fronteiras*, v. 1, n. 1, p. 51-80, 2001.

SAVIANI, Dermeval. *Escola e democracia*. Autores associados, 2018.

Anexo I

24/10/2023, 23:28

O extremismo político nas escolas: uma análise dos impactos causados ao profissional escolar

O extremismo político nas escolas: uma análise dos impactos causados ao profissional escolar

* Indica uma pergunta obrigatória

1. E-mail *

A bipolarização política e seu extremismo revelaram um novo capítulo de violência, que culminaram com os recentes ataques às escolas, refletindo na sociedade um novo e profundo debate sobre o ambiente escolar.



2. Nome completo: *

3. Cargo que ocupa: *

Marcar apenas uma oval.

- Professor(a)
- Coordenador(a)
- Pedagogo(a)
- Atuo em 2 dos cargos citados acima

24/10/2023, 23:28

O extremismo político nas escolas: uma análise dos impactos causados ao profissional escolar

4. Há quanto tempo atua no ambiente escolar:*Marcar apenas uma oval.*

- Menos de 1 ano
- 2 a 5 anos
- 6 a 10 anos
- 11 anos ou mais

5. Sobre o tema acima: Você já vivenciou alguma ou várias situações de violência, causada(s) por discursos de ódio relacionados à política, na sua escola? **Marcar apenas uma oval.*

- Sim *Pular para a pergunta 6*
- Não *Pular para a pergunta 10*

6. Esta(s) situação(ões) de conflito envolviam quais membros da comunidade escolar: **Marque todas que se aplicam.*

- Entre os próprios alunos
- Entre os alunos e o profissional escolar
- Entre os pais de alunos
- Entre os pais de alunos e o profissional escolar
- Entre os próprios profissionais escolares
- Outro: _____

7. Você se sentiu coagido(a) na época do(s) acontecimento(s), a ponto de interferir em suas atividades educacionais: **Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não

24/10/2023, 23:28

O extremismo político nas escolas: uma análise dos impactos causados ao profissional escolar

8. Houve(ram) alguma(s) ação(ões) promovida(s) na escola para coibir ou evitar este tipo de violência? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

9. Após essa(s) ação(ões) ou na falta dela(s), houve reincidência de novos casos de violência, relacionados ao extremismo político? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

Seção sem título

10. Hoje, você se sente totalmente seguro para exercer seu papel como educador, de forma consciente e plena, no ambiente escolar? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

11. Por fim, se possível, descreva uma dessa(s) situação(ões) de conflito escolar, gerado pelo discurso de ódio e extremismo político (Opcional - Caso não tenha vivenciado, deixe em branco):

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários